

## Os revolucionários, quando se levantam, não se importam com nada que não seja o amor | Carta semanal 51 (2020)



El Zeft (Egito), *Nefertiti in a Gas Mask [Nefertiti com máscara de gás]*, 2012.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Uma década se passou desde que um homem chamado Mohamed Bouazizi colocou fogo em si mesmo na cidade tunisiana de Sidi Bouzid em 17 de dezembro de 2010. Bouazizi, um ambulante, tomou essa atitude extrema após policiais o perseguirem por tentar sobreviver. Não muito depois, milhares de pessoas nessa pequena cidade tunisina se reuniram na rua para expressar sua bronca. A explosão se espalhou para a capital,

Túnis, onde sindicatos, organizações sociais, partidos políticos e grupos cívicos marcharam nas avenidas para derrubar o governo de Zine El Abidine Ben Ali. Manifestações na Tunísia inspiraram insurreições semelhantes em todo o Mar Mediterrâneo, do Egito à Espanha; o canto da Praça Tahrir (Cairo) – *ash-sha'b yurid isqat an-nizam* [o povo quer derrubar o regime] – impregnou de emoção centenas de milhões de pessoas.

Pessoas cujos sentimentos foram capturados pelo termo em espanhol *indignados* saíram às ruas. Saíram para dizer que suas esperanças estavam sendo esmagadas por forças visíveis e invisíveis. Era fácil perceber os bilionários de suas próprias sociedades em afetuosas relações com o Estado – apesar da desaceleração global provocada pela crise de crédito de 2007-08. Por outro lado, as forças do capital financeiro que erodiram a capacidade dos governos (quando eram favoráveis ao povo) de fornecer políticas humanas eram muito mais difíceis de ver, mas não menos devastador em suas consequências.



Stelios Faitakis (Grécia), *Elegy of May [Elegia de maio]*, 2016.

O sentimento que alimentou a palavra de ordem *derrubar o regime* era amplamente compartilhado pela maioria das pessoas que haviam ficado adormecidas pela frivolidade de votar em males menores; essas pessoas agora buscavam algo além do horizonte dos jogos eleitorais que parecia trazer tão poucas mudanças. Os políticos concorrem às eleições dizendo uma coisa e fazem exatamente o oposto quando assumem o comando.

No Reino Unido, por exemplo, os protestos estudantis que eclodiram em novembro-dezembro de 2010 se opunham à traição dos Liberais Democratas em relação à promessa de não aumentar impostos;

independentemente do voto que escolhiam, o resultado era o sofrimento do povo. *Greece, France: now here too!* [Grécia, França: agora aqui também!], gritavam os estudantes no Reino Unido. Eles poderiam ter citado também o Chile, onde estudantes secundaristas (conhecidos como “pingüinos” – pinguins) foram às ruas contra os cortes na educação. Os protestos iriam retornar em maio de 2011 e durariam quase dois anos, o chamado “inverno estudantil chileno”. Em setembro de 2011, o Movimento Occupy, nos Estados Unidos, se juntaria a essa onda de indignação global, emergindo do fracasso grosseiro do governo dos EUA em lidar com os despejos em massa estimulados pela calamidade das hipotecas que se transformou na crise de crédito de 2007-08. “A única maneira de viver o sonho americano”, escreveu alguém nas paredes de Wall Street, “é dormindo”.

*Derrubar o regime* era a palavra de ordem porque a fé no *establishment* havia enfraquecido; exigia-se mais da vida do que os governos neoliberais e banqueiros centrais ofereciam. Mas o objetivo dos protestos não era simplesmente derrubar o governo, uma vez que havia um amplo reconhecimento de que esse não era um problema de governos: era um problema mais profundo sobre o tipo de possibilidades políticas que permaneciam abertas para a sociedade humana. Uma geração ou mais experimentou cortes de austeridade por governos de diferentes tipos, mesmo governos social-democratas que foram informados de que os direitos dos ricos detentores de títulos – por exemplo – eram muito mais importantes que os direitos da totalidade dos cidadãos. Foi espantoso o fracasso de governos progressistas, como a coalizão Syriza na Grécia no final de 2015, em cumprir a promessa básica de não cessar as políticas de austeridade que estimulou esse tipo de atitude.



Suh Yongsun (Coreia do Sul), *December 2016 in Seoul [Dezembro em Seul]*, 2016.

O levante teve um caráter verdadeiramente global. Um milhão de pessoas com camisas vermelhas foram às ruas em Bangkok em 14 de março de 2010 contra o Estado dos militares, da monarquia e de setores endinheirados; na Espanha, meio milhão de *indignados* marcharam nas ruas de Madrid em 15 de outubro de 2011. O *Financial Times* publicou um **artigo** influente chamando 2011 de “o ano da indignação global”, com um de seus principais comentaristas escrevendo que a revolta opôs “uma elite internacionalmente-conectada contra cidadãos comuns que se sentem excluídos dos benefícios do crescimento econômico e estão irritados com a corrupção”.

Um **relatório** da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de outubro de 2008 mostrou que, entre os anos 1980 e 2000, a desigualdade aumentou em cada um dos vinte países mais ricos do mundo que são membros da OCDE. A situação no mundo em desenvolvimento era catastrófica; um **relatório** da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) de 2008 mostrou que a parcela do consumo nacional do quinto mais pobre da população nas regiões em desenvolvimento havia caído de 4,6% para 3,9% entre 1990 e 2004. Isso foi mais grave na América Latina América, Caribe e África Subsaariana, onde o quinto mais pobre representava apenas 3% do consumo ou renda nacional. Quaisquer que tenham sido os recursos reunidos para ajudar os bancos a evitar uma grave crise em 2008, isso não se traduziu em qualquer redistribuição de renda para os bilhões de pessoas que viram suas vidas se tornarem cada vez mais precárias. Esse foi o principal motivador das revoltas daquele período.

É importante destacar que em todas essas estatísticas havia um sinal de esperança. Em março de 2011, Alicia Bárcena, chefe da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (Cepal), **escreveu** que, apesar das altas taxas de desigualdade de renda, os índices de pobreza na região caíram devido às políticas sociais de alguns dos governos. Bárcena tinha em mente os governos social-democratas como o Brasil do presidente Lula, com programas como o Bolsa Família, e governos de esquerda como a Bolívia de Evo Morales e a Venezuela de Hugo Chávez. Os indignados nessas partes do mundo haviam entrado no governo e estavam promovendo uma agenda diferente.



Mahmoud Obaidi (Iraque), *Morpheus and the Red Poppy 2 [Morfeu e a papoula vermelha]*, (2013)

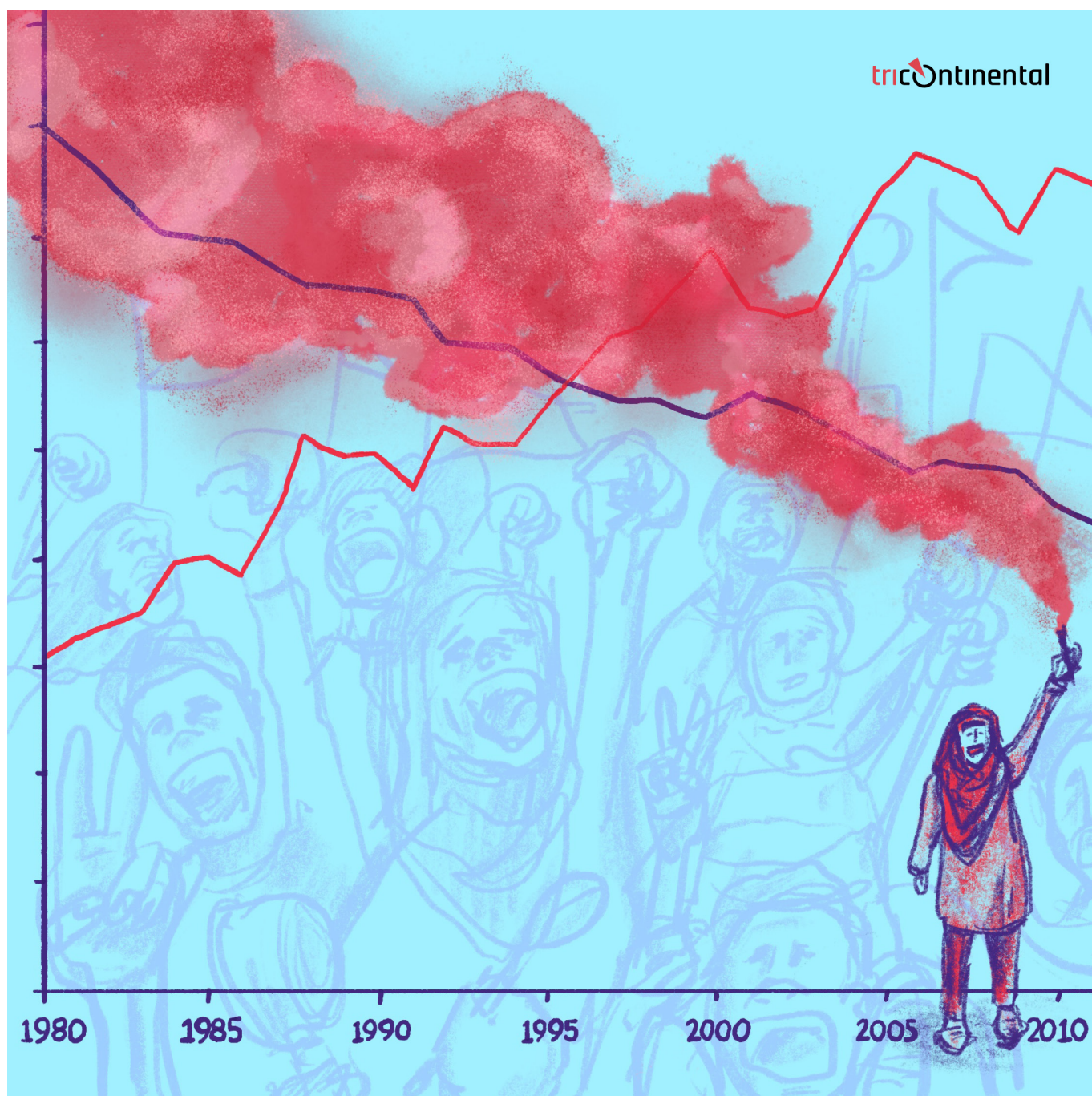
E foi com rapidez que os ricos mudaram a oratória “promoção da democracia” para a da lei e ordem, mandando a polícia e os F-16 limpar praças públicas e ameaçar países com bombardeios e golpes de Estado.

A Primavera Árabe, que recebeu seu nome das revoltas de 1848 em toda a Europa, rapidamente esfriou quando o Ocidente encorajou uma guerra quente entre as potências regionais (Irã, Arábia Saudita e Turquia) com os epicentros na Líbia e na Síria. A destruição do Estado líbio pelo ataque da Otan de 2011 afastou a União Africana, suspendeu todas as conversas sobre o Afrique como uma moeda para substituir o franco francês e o dólar e atraiu uma maciça intervenção militar francesa e estadunidense na região do Sahel do Mali ao Níger.

A pressão imensa para derrubar o governo na Síria começou em 2011 e se aprofundou em 2012. Essa unidade árabe fragmentada, que vinha crescendo depois da guerra ilegal dos EUA no Iraque em 2003, fez da Síria a linha de frente de uma guerra regional entre o Irã e seus adversários (Arábia Saudita, Turquia e Emirados Árabes Unidos) e diminuiu a centralidade da causa dos palestinos. No Egito, o general Mohamed Ibrahim, ministro do interior de um novo governo de generais, **disse** friamente: “Estamos vivendo uma época de ouro de unidade entre os juízes, a polícia e o exército”. Os liberais do Atlântico Norte correram atrás dos generais; em dezembro de 2020, o presidente francês Emmanuel Macron homenageou o presidente egípcio – um ex-general – Abdel Fattah el-Sisi com a *Légion d’honneur*, o maior prêmio da França.

Enquanto isso, na América Latina, Washington instigou uma série de aventuras para derrubar o que ficou conhecido como Maré Rosa. Isso engloba desde a tentativa de golpe contra o governo venezuelano em 2002 ao golpe de 2009 em Honduras, além da guerra híbrida travada contra todos os governos progressistas no hemisfério sul, do Haiti à Argentina. Uma queda nos preços das commodities – especialmente os do petróleo – implodiu a atividade econômica no hemisfério. Washington aproveitou a oportunidade para exercer pressão informacional, financeira, diplomática e militar sobre os governos de esquerda, muitos dos quais não conseguiram resistir à pressão. O golpe contra o governo de Fernando Lugo no Paraguai em 2012 foi um prenúncio do que enfrentaria a presidenta Dilma Rousseff no Brasil em 2016.

Cada centímetro de esperança de mudar o sistema econômico e político foi impulsionado por guerras, golpes e imensa pressão de organizações como o FMI. O antigo linguajar da “reforma tributária e de subsídios” e “reforma do mercado de trabalho” ressurgiu para sufocar as tentativas dos Estados de fornecer auxílio aos desempregados e famintos. Muito antes da Covid-19, a esperança se calcificou e a podridão se tornou normal, pois os migrantes se afogaram nos mares e se sentaram em campos de concentração enquanto o dinheiro morto escapava das fronteiras para os paraísos fiscais (centros financeiros offshore detêm mais de 36 trilhões de dólares, uma quantia astronômica).



Um olhar para o passado, para as revoltas de uma década atrás, exige que façamos uma pausa nas portas das prisões no Egito, onde alguns dos jovens que foram presos por sua esperança continuam encarcerados. Dois prisioneiros políticos, Alaa Abdel El-Fattah e Ahmed Douma, gritaram um para o outro entre suas celas, em uma conversa que foi publicada como *Graffiti for Two* [*Grafite para dois*]. Pelo que eles lutaram? “Lutamos por um dia, um dia que terminaria sem a certeza sufocante de que o amanhã o replicaria como todos os dias foram replicados antes”. Eles buscaram uma saída do presente; eles buscavam um futuro. Os revolucionários, quando se levantam – escreveram Alaa e Ahmed – “só se importam com o amor”.

Em suas celas de prisão no Cairo, eles ouvem histórias de agricultores indianos, cujas lutas inspiraram uma

nação; ouvem falar de enfermeiras em greve de lugares tão distantes como Papua Nova Guiné e os EUA; ouvem falar de operários em greve na Indonésia e na Coreia do Sul; ouvem dizer que a traição aos palestinos e ao povo saharauí provocou manifestações de rua em todo o mundo. Durante algumas semanas, em 2010-2011, foi posta de lado a “certeza sufocante” de que não há futuro; uma década depois, as pessoas nas ruas buscam um futuro que seja uma ruptura com um presente insuportável.

Cordialmente, Vijay.



## Eu sou Tricontinental:

Fernando Vicente. Pesquisador, Escritório Buenos Aires.

Como parte do Observatório da conjuntura na América Latina e Caribe (Obsal), neste último ano, estive trabalhando na elaboração dos relatórios n. 5, n. 6, n. 7, n. 8 e n. 9. Essas análises abordam os efeitos da pandemia na região mas também a persistência da ofensiva imperialista e as resistências populares a ela, que nos últimos meses conseguiram vitórias importantes. Neste momento, estou selecionando informação para fechar o próximo relatório. Além disso, no último período, trabalhei na edição e revisão da edição em espanhol dos livros *Lenin 150*, *Mariátegui* e *As veias do Sul continuam abertas; Che; Balas de Washington – uma história da CIA, golpes e assassinatos*.